

HELOISA HELENA DE ALMEIDA BERALDO ASSIS

CONFISSÕES, ~~DES~~<sup>Z</sup>OBEDIÊNCIAS, COLEÇÕES:

quando os escritos são corpo

*Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito ao título de especialista em **A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática**, oferecido pela Facon – A Casa Tombada, com orientação da Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira.*

São Paulo

2020

Dedico esse trabalho ao meu companheiro de jornada, Carlos Henrique de Castro Assis, por todo amor e incentivo. Agradeço ao Universo por ter tido encontros genuínos nessa vida, com pessoas tão amorosas, generosas, únicas: Ângela Castelo Branco–Carlos Otelac–Cristiane Rogério–Débora Sperl–Giuliano Tierno–Juliana Jardim–Juliane Codignoto–Letícia Chiochetta–Letícia Fagundes–Letícia Liesenfeld–Lilian Abdalla–Mariana Portis–Marina Bastos–Patrícia Torres–Paula Lisboa–Raquel Braga–Renata Gelamo–Sandra Souza–Simone Grande. À Adélia Nicolete e Emilie Andrade, agradeço por toparem participar do fechamento de uma das experiências mais transformadoras da minha vida. Seus olhares a engrandecerão ainda mais.

## SUMÁRIO

### CONFESSIONÁRIO DE ENCONTROS E DESENCONTROS

- I – Um antes; um durante; um depois /3
- II – Dramaturgia, jogo e narrativas /6
- III – Ateliê de voz /8
- IV – *Performance* narrativa: o corpo, o objeto, o texto /14

### [DEZOBEDIÊNCIAS]

- A Proteção \5
- B Um salto \7
- C Retratos \10
- D Álbum-diário – Outro lugar de histórias \19

### — COLEÇÕES —

- IA dezobediência |5
- IIB experiência |7
- IIIC ponto de virada |13
- IVD acolhimento |26

X – X – X – X – X – X – X – ARREIMATE – X – X – X – X – X – X – X – 27

REFERÊNCIAS .....29

## I – Um antes; um durante; um depois

[...] e o mundo continua a ser um sobressalto.<sup>1</sup>

Preciso mergulhar na memória-corpo, com escafandro, para prolongar o fôlego. Preciso de coragem.

A possibilidade de se deixar conduzir pelas marcas é andar sobre uma ponte de madeira repleta de vãos. Um passo em falso e, em segundos, rememora-se uma vida. No precipício, a vida recomeça.

Os livros e meu corpo. Os modos de existência que vamos criando enquanto compartilhamos letras, palavras, frases, enunciados, confissões, vida, voz; emendas, cortes, inserções, sugestões, dúvidas, clareza; folhas, páginas, costuras, cola, entrelaces, nós. Nós: entre as mãos, com as mãos, estamos atrelados um ao outro.

O acaso se encarregou de nosso encontro, escrito na alma-matéria diariamente. Na infância, era um livro de capa azul royal, estampado com losangos dourados na lombada com um vermelhão que indicava a letra do volume – C, que para mim era de céu, de cometa; E, de estrela; G, de galáxia; J, de Júpiter; S, de Sistema Solar, de Saturno; U, de Universo. O papel-carbono, o mimeógrafo, resmas de folha de papel sulfite. Na adolescência, a visita a um mundo com máquinas gigantes, bobinas de papel do tamanho de prédios, um barulho ensurdecedor, um rodar delirante e diário com peso de palavras novas prestes a serem soltas no mundo. Na juventude, um estreitar de laços, um apaziguamento com a matéria, quando o verbo se fez carne.

Saberes do mundo impressos à tinta. Um livro tem poder, autoridade, mas não pode e é, sim, um ser-contradição. Todo um mundo nele, muitos universos, e a máquina do mundo

[...] assim me disse, embora voz alguma

---

<sup>1</sup> TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos, imagens. Lisboa: Caminho, 2013. p. 145.

ou sopro ou eco ou simples percussão  
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,  
em colóquio se estava dirigindo:

“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,  
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,  
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza  
sobrante a toda pérola, essa ciência  
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,  
esse nexo primeiro e singular,  
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo.” [...]²

Por meses me escondo atrás da erudição, do rigor que as palavras impressas pedem. Pisei na ponte olhando para o precipício. Perdi o equilíbrio, doei meu corpo e minha mente, vendi meu espírito. Atravessei o vão entre as ripas, caí no concreto da água, me despedacei. Escutando a vontade da máquina que me abriga, rasguei o peito,

---

<sup>2</sup> Carlos Drummond de Andrade escreveu o poema “A máquina do mundo” para compor a obra *Claro enigma*, livro publicado pela editora Record em 1951. Hoje, dia 30 de outubro de 2019, enquanto escrevia, esse poema me veio à mente. Nunca pensei em citar Drummond neste trabalho, mas amanhã se comemoram seus 117 anos em um dia **D Drummond** e, não por acaso, é Dia das Bruxas.

cutuquei a carne, corpos estranhos me atravessaram, roubei palavras, descobri uma voz-escutada, doce e forte, um corpo dançante, fogueiras de diversas cores, a mãe que nunca nascerá, papéis com palavras à mão e, principalmente, a liberdade de nascer pérola de rio.

## A

### [PROTEÇÃO

Em casa, não havia livros. Meus pais não liam. Meu avô paterno era poeta, autodidata, mas só tinha livros no seu escritório, que poderia ser o cartório, o jornal ou o museu da cidade. Ele escrevia as poesias em guardanapos e tinha muito orgulho de, por exemplo, estar tomando um café na padaria e “receber” uma poesia. Assim que a escrevia, pegava qualquer pessoa na rua para recitá-la. Ele era muito orgulhoso de escrever bem sem ter ido à escola. Meu avô fugiu de casa aos 11 anos com o circo. E circo é outra coisa que adoro, acho que por causa dele. Meu avô era muito rígido com crianças e foi o primeiro adulto que enfrentei e escancarei a desobediência do meu espírito de 6 anos. Só conheci o carinho dele pelas palavras escritas: num poema feito no dia em que nasci; no verso da moldura de um quadro, em que ele escreveu para eu continuar alegre e inteligente; e num pingente que ele trouxe de uma viagem, em que estava escrito “*Agnus Dei*”, e ele me explicou que era latim, língua dos padres, que significava Cordeiro de Deus e eu me senti protegida para sempre.]

## IA

— **desobediência:** 1. Gostar do cheiro do álcool da folha que acabou de sair do mimeógrafo; 2. Apagar a luz e continuar a escrever no caderno, sem se importar com as linhas; 3. Fugir de casa engatinhando para encontrar seus pais; 4. Tomar café enquanto come uma banana e bancar a escolha; 5. Ir em busca de quem se é. —

## II – Dramaturgia, jogo e narrativas

[...] eu encontro o que os outros não procuram,  
eu procuro o que os outros nunca encontrarão.<sup>3</sup>

A primeira marca feita a ferro em brasa em meu corpo foi sentir que, ao fechar os olhos e ficar em pé, em silêncio, meu corpo dançava. E essa dança pertencia a ele e a mim. Éramos dois em um. Meu corpo era eu. Eu tinha um corpo com vida, um feitiço se realizou ali. “Ora, não somente o conhecimento se faz pelo corpo, mas ele é, em seu princípio, conhecimento do corpo”, disse Paul Zumthor<sup>4</sup>.

Quis espalhar essa sensação, sabedoria, conhecimento para todas as pessoas próximas, compartilhar aquela experiência. “Você sabia que o nosso corpo dança e que cada corpo tem uma dança só sua, singular?” Muita gente sabia, mas muita gente só descobriu quando parou um pouco para se ouvir, em silêncio, na confiança de que os compassos e passos estavam em si. Talvez por causa da profissão que nos obriga a ficar horas sentadas, olhando para a tela de um computador – para a frente – ou para folhas de papel sulfite – para baixo, com as mãos apertando teclas ou segurando canetas que imprimem emendas em papéis, sempre em silêncio, deixamos de nos escutar e tentamos decifrar a voz do outro, daquele que escreveu, para imitá-lo e nos tornarmos invisíveis na palavra impressa, para respeitarmos a autoria do escritor.

Nessa vontade de sempre aprender mais sobre algo até então sublimado, e também novo, embarquei na jornada de conhecer meu(s) corpo(s), de saber qual lugar ele ocupa no mundo, por que e para que se fez matéria. E a cada passo de dança do meu corpo-carne, do meu corpo-livro, muito do passado foi revivido, muito do presente, (re)descoberto. A existência do meu corpo no mundo, da minha materialidade. Da materialidade do livro. Das nossas materialidades que trazem tantas possibilidades. Da materialidade do meu ofício. Da materialidade da palavra escrita, essa impressão de uma voz construída, trabalhada.

---

<sup>3</sup> TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos, imagens. Lisboa: Caminho, 2013. p. 132.

<sup>4</sup> ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: CosacNaify, 2007. p. 78.

Da materialidade dos livros, dos pensamentos, à consciência da materialidade do corpo e de tantas possibilidades que os dois juntos trazem. O corpo, a leitura em voz alta e em movimento. Minha voz. Era mais vontade de agarrar tudo o que eu pudesse e que meu corpo sustentasse, ainda que meio capengo. Queria entender o que estava sentindo, mesmo que doesse. E doeu.

## B

[UM SALTO

Fosse dar um passo em falso, sairia da lama pelo risco de andar. Viver. O que mais se pede. Da fome do espírito, a canção. Do som, a tinta nos dedos. Nada se exclui, tudo se junta em diversos ritmos, cheiros, movimentos. A música leva o corpo e ele balança sem que eu me dê conta. E, de repente, estou dançando e as mãos puxam o papel com força e o amassam em seguida, mas ele não rasga. É o coração. O amassado que não rasga. Vida. Quero água. Mas preciso escrever antes de bebê-la. Tenho sede de escrita que brota da dor, do amassado do músculo. Coração. Amor. Um símbolo. Está um pouco descuidado, engordurado do amor-próprio. Placas. Barreiras. Circular o sangue. Bombear o sangue. Vida. O coração anda batendo mais dentro do que fora. Tem mostrado vontade própria. Tem dado tontura essa vontade porque ele pulsa, pulsa, pulsa, quase pula pelos olhos, pela boca. Mas ele não quer palavras soltas, quaisquer promessas que não honrem o que o faz bater, pelo que ele bate. E ele bate, forte, engordurado, buscando o vermelho através do amarelado depositado nele por anos de modos de ser. O coração pulsa. É hora.]

## IIB

— **experiência:** 1. Marcas no corpo que expõem o vivido e o não vivido; 2. Pôr o corpo para dançar ao ritmo do coração; 3. Escrever textos que expõem o seu íntimo; 4. Tomar sorvete enquanto come batata frita e bancar o ato; 5. Ir em busca de ser, sabendo um processo infinito de fazer. —

### III – Ateliê de voz

[...] escutar um outro é ouvir,  
no silêncio de si mesmo,  
sua voz que vem de outra parte. [...] <sup>5</sup>

Eis o caminho a percorrer: memórias da voz; narrativas sobre experiência; anatomia e fisiologia da voz; respiração, pausas e efeitos de sentido; recursos vocais na *performance*; escuta, percepção e produção de ajustes vocais; a voz própria na contação de histórias.

Desse caminho, apenas a parte da escuta me era confortável. No meu ofício, o que mais fazia era escutar a voz do outro na leitura do que estava impresso. Um raio X sonoro no silêncio, um superpoder de que me orgulhava e que guardava a sete chaves. No dia a dia daqueles dias, minha voz estava ficando cada vez mais baixa, mais fraca, mais sem vontade. Estavam frequentes os “Ahn? O que você disse?”, “Quê?”, “Fala mais alto!” e isso sempre me mostrou que eu estava prestes a desistir da interlocução.

No decorrer da primeira aula, a professora, que era de voz, era, sobretudo, de silêncio. Calma ao falar, assertiva no agir e delicada e coerente ao responder às vozes altas e presentes e constantes e debochadas nas três horas daquela manhã de terça. Ela foi mostrando a força da delicadeza em cada aula. E minha voz foi ganhando força também, contaminada com a escuta da força da delicadeza de sua voz. Aula após aula, essa delicadeza foi diminuindo a competição pelo tempo da fala, foi diminuindo o volume das vozes ansiosas para falar e foi aumentando o tempo da escuta do outro. O silêncio me é caro por tudo, principalmente pela força que tem para desestruturar a verbosidade. Então, a palavra sem desperdício começou a ser valorizada. Em um cochicho, ao pé do ouvido, me confessaram uma fraqueza e pediram uma palavra minha, baixa, um segredo que meu silêncio atento guardava como uma lição que minha alma tinha aprendido: ao compartilhar a palavra dita, fui ouvida e respondida com a força da delicadeza.

---

<sup>5</sup> ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: CosacNaify, 2007. p. 81.

Minha voz foi ganhando força, os silêncios não eram mais raros e, na última aula, tínhamos de contar uma história ou ler um conto em voz alta: “Apenas 5 minutos, para dar tempo”. Ia levar um poema do Drummond, o “Caso do vestido”, que me lembrava muito de uma história familiar. De última hora, procurei no armário de casa um texto meu, que nasceu no dia do meu aniversário, em 9 de dezembro de 2012, e também remete a uma história familiar. Fui pescar em Gonçalo M. Tavares um pensamento que conversou com o meu:

É estimulante pensar na diferença entre linguagem escrita e linguagem verbal. A voz ainda é corpo, apesar de fazer linguagem; a voz ainda é, pois, algo que não se domina por completo: não se domina a voz como se domina o sujeito, o predicado e o complemento directo. A voz não é uma questão de sintaxe ou de gramática, é uma questão emocional. No papel, a tua sintaxe pode não depender da emoção, na voz isso não sucede.<sup>6</sup>

E é verdade. Texto impresso lido em silêncio e texto impresso lido em voz alta são experiências totalmente diferentes. Tremi ao ler, gaguejei inúmeras vezes, troquei palavras, alterei o tom de voz, perdi o controle do meu corpo enquanto lia um texto meu, o único que já publiquei em papel, em um fanzine. Junto ao meu descontrole sobre o corpo veio a coragem do espírito de promover o encontro com as pessoas que estavam me acompanhando naquela jornada. Algumas colegas choraram e outras se surpreenderem em ver que, dentro de mim, havia uma voz potente, mesmo que feminina e delicada. Assim como nossa professora nos mostrava todas as terças. Assim como os silêncios da escuta. Então, se confirmou para nós, como grupo, que ser delicada e feminina no agir, no falar, no existir, nunca foi nem será sinal de fraqueza no ser.

---

<sup>6</sup> TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos, imagens. Lisboa: Caminho, 2013. p. 150.

**[RETRATOS**

Por Helô Beraldo/9 dez. 2012

**Aos 8 anos**

Quase não se via máquina de fotografar na cidade. Os pais tiveram de contratar o fotógrafo, um imigrante japonês. E era caro. Minha avó penteou meu pai e meu tio com brilhantina, os vestiu com bermudas de linho na altura dos joelhos, camisas brancas, suspensórios, meiões brancos e sapatos pretos. Meu avô pediu para que a foto fosse feita em frente à igreja da matriz, no arco das portas de entrada. Ele falou para os filhos fazerem pose de pessoas respeitáveis, sérias, com a postura ereta que todo homem de moral e valor deve manter. Quando o fotógrafo contou três, segundos antes de estourar a pólvora, os irmãos se abraçaram e sorriram.

Dois dias depois, meu pai, o primogênito, embarcou para o seminário.

**Aos 16 anos**

Era o ano da libertação. Tinha fingido uma doença para conseguir passar um tempo em sua casa e convencer a mãe de que não poderia continuar preso na casa de Deus. Não sabia que ficaria doente para sempre. Enturmou-se com os amigos do irmão, e jogava voleibol e paquerava as pequenas do bairro. Com brilhantina no cabelo, camiseta branca e preta, bermuda branca, meiões brancos, um sapato esporte, a perna direita em cima do banco de cimento, cigarro na boca, sorriso no canto direito da boca, olhar distraído apontado para uma mulher pequena e bonita, ele foi flagrado pela lente do amigo, filho de um fotógrafo.

Depois de ter namorado várias moças e de ter tentado viver, em meses, o que não tinha lhe sido permitido em anos, pediu a pequena, que estava no cantinho direito do retrato, bem embaixo, em namoro.

**Aos 21 anos**

Era o dia do casamento. O álbum de fotografias foi presente do tio-avô dele. As fotos seriam em preto e branco. As pintadas eram caras demais. Eles estavam no altar, recebendo as últimas bênçãos do padre. Viraram-se para a entrada e meu pai foi capturado pelas lentes: bigodinho fino, cultivado para o grande dia, terno preto, camisa branca, gravata preta e fina, um sorriso no canto esquerdo da boca, um cravo na lapela, um olhar malicioso e de rabo de olho para algum dos convidados. A chuva de arroz também foi registrada: o casal de olhos fechados, meio curvados, com as mãos esquerda e direita na altura dos olhos.

Todo o dinheiro que ganharam de presente de casamento se materializou num Volkswagen amarelo e numa viagem de lua de mel em Santos. Eles não tinham

onde morar, mas passariam uma boa semana a sós; agora, como um casal de respeito.

### **Aos 35 anos**

A vida estava passando rápido, já eram os anos 70. Duas filhas e mulher para sustentar. Meu pai passou por vários empregos até encontrar sua verdadeira vocação. E quando a encontrou, ela lhe rendeu um Corcel vermelho, costeletas, cabelo na altura dos ombros, calça boca de sino mostarda, botas masculinas pretas e lustradas com salto, camisa branca justa que marcava uma barriguinha de quindins e destilados, e uma viagem para Rio de Janeiro, Porto Alegre, Montevideú e Buenos Aires. Esta, como a de Santos, ficaria na memória. Ele comprou uma Kodak Instamatic e cinco rolos de filme colorido. Parecia um milagre poder ser o fotógrafo e ainda ser fotografado pela família. Fotos no bondinho do Pão de Açúcar, no centro de Porto Alegre, nos cassinos de Montevideú, no Obelisco de Buenos Aires. Em todas elas, ele sorria, fazia poses, caretas, mandava beijo, pegava a areia e a deixava escorrer pelos dedos, criava ilusões de óptica divertidas, pedia carona na estrada, fingia-se de Cristo abrindo os braços em sacrifício.

Foi um prenúncio de felicidade, prosperidade, abundância e calma. Meu pai não sabia se aguentaria. O sacrifício estava se tornando fácil, sem penitências.

### **Aos 40 anos**

A chegada de mais uma filha não tinha sido programada. Nunca se tirou tantas fotos naquela casa como depois que nasci. Já não era tão caro revelar as imagens. Quando chegava do trabalho, meu pai fazia questão de tirar o paletó e ir me acordar, e a filha mais velha tirava fotos da família brincando, do meu pai sorrindo, da minha mãe sorrindo também, da minha avó materna fazendo cara de avó feminista, prafrentex e orgulhosa. “Homem não presta” era a ladainha da minha avó. “Graças a Deus mais uma mulher nesse mundo!”, ela completava.

Nessa época, retratava-se uma leveza na feição do meu pai. Ele usava o cabelo penteado para trás finalizado com gel, tinha tirado as costeletas, a barba era benfeita. Exalava um ar profissional, tinha mesmo cara de advogado. Ele se sentia confiante, fumava tranquilamente seu Benson & Hedges, bebia sua dose ou de uísque, ou de vodca, ou de cachaça, e pensava em quanto tinha mudado enquanto soltava biscoitos de fumaça no ar.

Quatro anos depois, ele se cansou da estabilidade, da calma, do não sofrer. Isso não poderia ser natural. Decidiu arriscar tudo, mudar de profissão e foi conversar com a mulher. Ela o apoiou, mas sabia que ele não estava indo em busca de seu sonho. Essa mudança não era natural. Ele queria mesmo era provar para aqueles que ficaram na cidade da infância e, claro, para seu pai, que era alguém de moral e valor.

### **Aos 52 anos**

Duas filhas casadas e encaminhadas. Um neto e uma neta a caminho. De tanto querer se provar bem-sucedido na cidade de que tinha sido expulso, desenvolveu diabetes, pressão alta, colesterol alto, autoritarismo, desilusão, estresse profundo. As fotos ficaram cada vez mais raras. Não tínhamos câmara e, em dias de festa, que se resumiam aos aniversários e ao Natal, que não podiam ser ignorados, era tradição, pedíamos a câmara do meu cunhado emprestada.

Em uma tarde de sexta-feira, meu pai resolveu, de improviso, fazer uma viagem com a mulher e comigo. Paraty, Ubatuba, camisa xadrez, shorts de banho, barba grisalha na cara, cabelo ralo penteado para trás e finalizado com spray Karina, sorriso de foto no rosto ao lado da placa “COLÔNIA PENAL DA ILHA DE ANCHIETA”.

Mal sabia o que Freud estava lhe dizendo: “*Leiber Vater*, está preso em sua condição. Não vê saída. Quis reviver o passado, sofre por culpa de não ter servido a Deus, como seu *lieber Vater* queria”. Ele achava que era tarde demais para desistir do que tinha construído a duras penas. Ele achava que merecia sofrer. Que sua família também merecia sofrer, pois ninguém ganha o céu sem sofrimento. Foi seu último sorriso de foto: plástico, sarcástico.

### **Aos 64 anos**

Pensava que fosse morrer. Minha avó feminista morreu com essa idade, dormindo feito passarinho. Já fazia 21 anos. Teria meu pai o mesmo destino? Não, teve um pior. Certo dia acordou com um escuro na mente, um vazio no coração, um câncer na alma. Passou da depressão leve para a pesada em uma semana. Os remédios faziam efeito inverso e, em menos de um ano, meu pai altivo, com postura ereta de homem de moral e de valor, virou um zumbi. Não registrávamos nada há muitos anos, apenas as fotos de aniversário que sempre eram tiradas no mesmo lugar de honra do aniversariante, com o mesmo quadro pendurado na parede lateral da sala de jantar, com a mesma toalha de mesa, a mesma louça, os mesmos talheres dourados e bem conservados. Naquela casa, o silêncio tomou conta de tudo. A depressão do meu pai foi apenas a materialização do que tínhamos, todos, nos tornando. Perdeu-se a vontade de celebrar a vida.

Mas a tecnologia quis mudar nosso destino: inventaram uma câmara digital. A foto que não fosse boa, podíamos apagar e nos esquecer dela para sempre. Eu comprei uma dessas e no aniversário do meu pai, registrei: ele de pijama, sentado na cabeceira da mesa, cabisbaixo, a mão esquerda segurando a cabeça, um bolo com velas que não se pode apagar à sua frente, a família atrás dele. Aquele era o registro de que meu pai tinha passado longe da promessa de morte; no entanto, ficou claro, para quem quisesse ver, que lhe tinham roubado a alma.

### **Aos 72 anos**

Meu pai não gosta mais de tirar foto. Diz que o flash o cega, que é uma bobagem. “Ah, lá vai ela com essa câmara!” “Ah, de novo não!” E eu digo para ele: “Olha pra cá, deixa de bobeira! Você tem que sorrir mais. Abre a boca largo! Deixa o lábio superior alinhado com o fim da orelha. Com esse sorriso baixo, parece banguela. Com essa cabeça baixa, fica de dar pena. Vai, pai!”.

O que ele não quer é participar de retratos de família. Quando a lente foca naquela extensão retangular, um do lado do outro, se abraçando para a foto, ou ele olha para baixo, ou para o lado, ou para cima. Quer fugir. De mais de cem fotos recentes, em nenhuma capturei seu olhar. Em nenhuma delas reconheço meu pai da infância, da adolescência, da mocidade, da flor da idade, da maturidade.

Tenho teorias de que ele não quer se ver velho, não quer revelar um segredo pelo qual se sente culpado, não quer transparecer suas frustrações, sua fraqueza diante da vida. Não quer se ver sem saída, sem escolha, sem tempo para realizar um sonho ou se colocar em alguma provação que dure mais que dois segundos. Ele quer construir e manter, muito mais agora, aquela imagem de homem de valor e de moral para a família e para a cidade da sua infância, onde ainda mora, e, nessa figura, um sorriso não cabe. “Quem mostra os dentes é cavalo”, meu avô dizia. E ele o ouve, dia após dia, desde que largou o seminário. E reza o terço todas as noites, trancado em seu quarto.]

### IIIC

— **ponto de virada:** 1. Acolher as marcas do corpo; 2. Pôr a voz no mundo; 3. Ler em voz alta o mais íntimo que há dentro de si; 4. Tomar leite gelado enquanto come cuscuz paulista e bancar o ato; 5. Ir em busca de quem se é, sabendo um processo infinito, mas se fortalecendo com cada ganho. —

#### IV – *Performance* narrativa: o corpo, o objeto, o texto

##### RESPUESTA A UNA PREGUNTA ESENCIAL.

Con el mismo placer con que veo, siento y escucho soplar el viento, extenderse los árboles, evaporarse el agua, navegar las nubes, caer la lluvia, leo lo que me escribes. Me preguntas: ¿Qué es lo bueno para vivir bien? No hacer esfuerzos para vivir bien es lo bueno. En el bastón plano (su bastón de Maestro Zen) que Ejo Takata me obligó a recibir como regalo, estaba escrito en un lado “No se trata de poder o no poder”. Y en el otro lado: “Sin esfuerzo, llega la primavera y se llenan de hojas, flores y frutas los árboles.” Acéptate con cariño, como si fueras tu propio hijo pequeño, y déjate crecer.<sup>7</sup>

Então, corpo, mente e espírito foram desafiados. A tarefa era buscar um texto que, lido em voz alta, tomaria 5 minutos do tempo de escuta de alguém. Nas prateleiras de casa, os seguintes livros de contos foram escolhidos: *Obra completa*, de Murilo Rubião; *Laços de família* e *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector; *Os cem melhores contos brasileiros do século*, antologia organizada por Ítalo Moriconi; *Histórias de cronópios e de famas*, de Júlio Cortázar; *Só para fumantes*, de Júlio Ramón Ribeyro; *Histórias africanas*, recontadas por Ana Maria Machado.

Passei um sábado inteiro lendo e relendo contos, revisitando e conhecendo histórias que habitavam minha casa e partilhavam da minha vida cotidiana fazia alguns anos. Esse desconhecimento de histórias que moravam comigo me causou certa vergonha e escancarou para o universo a compulsão do querer o objeto livro me rodeando, apenas para senti-lo por perto. Uma obsessão. Um amor. Um ofício. Enfim foi criada a oportunidade de ouvir o que aquelas vozes queriam comunicar sobre quem as escreveu, sobre as palavras que faziam delas literatura, sobre as páginas que faziam, daquelas vozes e palavras, livros.

Menos aleatória que a escolha dos livros, escolhi as histórias pelo número de páginas e pela quantidade de palavras que ocupavam o papel. O que elas ressoavam dentro do meu crânio e da minha caixa torácica foi deixado de lado. Cronometrei a leitura de cinco delas e dentro da marca dos 5 minutos estavam três contos: “A lua”,

---

<sup>7</sup> ALEJANDRO JODOROWSKY. RESPUESTA A UNA PREGUNTA ESENCIAL, post de 11 de junho de 2017 de sua página no Facebook, disponível em: <<https://bit.ly/34kgEjE>>. Acesso em: 30 de out. 2019.

de Murilo Rubião; “Uma galinha”, de Clarice Lispector; “Instruções para chorar”, de Júlio Cortázar. Levei-os, então, à aula de terça.

Domingo, segunda e a terça chegou. Eu, atrasada, entrei na aula. A professora já havia explicado a ementa e o trabalho final. Fiquei sem jeito de tirar dúvidas, porque tudo era dúvida, e logo levantamos todos para fazer exercícios de... teatro! “Eita, essa disciplina vai me tirar da zona de conforto!” foi meu primeiro pensamento. Nós nos dividimos em três grupos: texto, objeto, corpo. Minha única opção segura seria escolher o grupo do texto. Surgiram ideias de reescrita de contos que me encheram de ânimo. Recontar uma história seria mais fácil que decorá-la, pois teria minhas palavras, meu vocabulário, mais de mim. Mas é permitido fazer isso com um texto literário?

E a resposta à pergunta foi: “No curso, entre nós, é possível adaptá-la. Profissionalmente, não.”. Pronto, só tinha texto literário entre as minhas opções! Dos contos que levei, escolhi o de Clarice. Estava, então, com uma galinha morta em mãos. Como contar um conto escrito por Clarice Lispector *ipsis litteris*? Precisaria roubar as palavras dela e colocá-las na minha boca. Como diz Roland Barthes, em “Escrever a leitura”:

[...] o autor é o proprietário eterno de sua obra, e nós, seus leitores, simples usufrutuários; essa economia implica evidentemente um tema de autoridade; o autor tem, assim se pensa, direitos sobre o leitor, constringe-o determinado *sentido* da obra, e esse sentido é, evidentemente, o sentido certo, o verdadeiro [...] <sup>8</sup>

Evidentemente... Então Barthes complementa e vai além: “[na leitura] procura-se estabelecer *o que o autor quis dizer*, de modo algum *o que o leitor entende*.” <sup>9</sup>.

Passei a semana lendo e relendo o texto, assistindo a leituras no YouTube, obsessivamente. E esse texto pequeno, que falava sobre uma galinha, ser meio sem

---

<sup>8</sup> BARTHES, ROLAND. Escrever a leitura. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 27. (Grifo do autor.)

<sup>9</sup> Idem, ibidem. p. 28. (Grifos do autor.)

graça, foi crescendo, ganhou corpo, mexeu com a minha memória, com a minha consciência. As frases, as palavras, me atravessaram.

Todo esse processo parecia ser tão inatingível, complexo. Onde habitava minha segurança? Por que tão longe? A sensação de estar na corda bamba estava sendo uma constante desde a primeira aula: a cobrança interna; o ser pega de surpresa; o me mostrar na fragilidade do momento – o que acontece e não tem volta.

Por causa de uma ação integrativa no trabalho, tive de me desintegrar do grupo por duas aulas. Escolhas. Vida prática. Mosaico de querereres. Passei essas duas semanas imersa no texto de Clarice Lispector, na vida dela. Fiz os exercícios propostos pela professora, fiz várias leituras e as gravei, ouvi minha voz, detectei o que estava lendo com as minhas palavras e não com as da Clarice. Tive *insights* sobre cenografia, figurino, objetos a serem usados. No trabalho, quando ia fazer algo mecânico, punha o fone e sintonizava a leitura de Aracy Balabanian de “Uma galinha”. Cheguei a ficar até tonta, um dia, de tanto que ouvi essa história. Já era hora de sabê-la de cor, não era? Só o primeiro parágrafo vinha à minha mente sem esforço. “Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.”<sup>10</sup> Não havia saída para a galinha, tampouco para mim.

Resolvi, então, me munir de argumentos e comprei um livro da bibliografia: **Quanta história numa história!**, de Ana Luísa Lacombe. Para minha felicidade, o livro vinha com um CD, com o conteúdo gravado na íntegra. Poderia apreender ensinamentos de uma contadora de histórias mesmo fora das aulas e, o melhor, no trânsito! Adorei o livro, meu primeiro *audiobook*, por ter a oportunidade de conhecer parte da experiência dela, mas não encontrei conforto aos meus anseios ali: não havia um argumento contrário ao saber de cor a história do texto literário e me apeguei a esta frase, para sobreviver ao processo: “É você quem vai contar, portanto, seja você mesmo.”. Eu não poderia fugir de mim mesma? Seria eu essa galinha estúpida e tímida? Estaria eu livre e não sabia?

---

<sup>10</sup> LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 30.

Voltei ao livro físico, ao objeto com folhas, de Lacombe, para lembrar uma citação que chegava perto de explicar o que estava acontecendo comigo nesse processo de imersão, de solidão. Ela cita o livro **O poder do mito**, em que Joseph Campbell conversa com o jornalista Bill Moyers sobre o mito e o mundo moderno:

MOYERS: Através da leitura de seus livros [...] vim a compreender que aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos.<sup>11</sup>

Senti que todo esse processo de digestão das palavras, de torná-las audíveis a outros, fazia parte do processo de morte de um *eu* que tentava cumprir com as expectativas dos outros e acabava virando caldo na panela, sem carne nenhuma.

No livro de Lacombe, também foi citada Gyslaine Matos, contadora de histórias que, em uma entrevista para o *site Escritório de Histórias*, conversou comigo quando falou sobre contar uma história da Clarice e reforçou que minha escolha havia sido desafiadora:

O conto de tradição oral é o ideal para o contador de histórias, porque a sua arte é a de criar na cena da *performance*. Se eu vou trabalhar um conto literário, por exemplo, de Clarice Lispector, não posso ficar inventando. Ela já fez o que tinha que fazer, e a literatura é preciosa. Ela fez para ler, fez para ser lido, e o tempo da leitura

---

<sup>11</sup> CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990. p. 5.

é diferente do tempo da escuta. A relação com a leitura é uma relação muito íntima.<sup>12</sup>

Atribuo força e poderes mágicos à literatura, à palavra e à intimidade que se estabelece com o livro no momento da leitura. As palavras de Clarice, para mim, são mistério. Como eu poderia alterar seu texto? Sua voz era inatingível, embora a ouvisse bem dentro da minha cabeça. Em outro momento da entrevista, Matos falou sobre os processos iniciáticos que os contos nos propõem:

As histórias vão dizer que, se você quiser realmente viver, vai ter que ralar e entrar em buracos muito profundos de você mesmo. Esses são os processos iniciáticos que os contos nos propõem, nos ensinam e são aqueles momentos em que o nosso herói vai passar completamente na solidão para matar seus monstros. A gente tem que aprender a lidar com os nossos monstros.<sup>13</sup>

Era isso mesmo. Nesse processo eu estava em companhia de vozes, de textos, de ideias, mas completamente solitária e nua. Imersa no texto, nas palavras ditas, lidas; afogada em ideias mirabolantes que não conseguiria realizar com o tempo que tinha; sem ar com a constatação de minha incapacidade de decorar um texto; mergulhada no mais profundo de mim.

Aquele conto, “Uma galinha”, estava dentro de mim como nunca antes outra história. Aquela galinha que parecia, aos olhos da narradora, “estúpida, tímida e livre”, falava sobre mim. O medo da galinha de se libertar de uma vida cozinha-terraço-cozinha estava na pele. O voo para perto, curto, próprio de galinhas, era a covardia do voo para o desconhecido.

---

<sup>12</sup> ESCRITÓRIO DE HISTÓRIAS. Disponível em: <<https://bit.ly/36kz6KA>>. Acesso em: 25 out. 2019.

<sup>13</sup> Idem.

Na noite anterior à apresentação, mal dormi. Cheguei à minha casa, jantei, conversei um pouco e fui ensaiar a história no escritório, de porta fechada. Quando consegui contar a história inteirinha para mim mesma, por volta das 2h30 da manhã, fiquei feliz e me permiti ir dormir.

Chegando à Casa Tombada, na manhã do dia 18 de abril de 2017, parecia até que eu estava anestesiada. Cansada, mas feliz por ter tido a coragem de ir, por estar lá. Até agora, não sei que história contei. Conteí outra história, não a da Clarice, mas uma história minha, que elaborei durante essa iniciação: “[...] ao ler, nós também imprimimos certa postura ao texto, e é por isso que ele é vivo [...]”.<sup>14</sup> Barthes me deu um alento. Foi minha primeira experiência contando uma história de outro e tão minha. Uma escolha aleatória, que resultou em uma descoberta tão profunda.

No mesmo dia, uma amiga da turma me enviou a gravação de parte da minha contação. Não tive coragem de vê-la até hoje, mas a mostrei a meu companheiro no mesmo dia e ele a assistiu; eu apenas a escutei. Assim como ele, fiquei feliz com a convicção que as palavras saíam da minha boca. Dava para ouvir que eu estava feliz de estar lá. De ESTAR. Aquela voz, que é minha, estava firme, tinha presença. Ele gostou do que viu e ouviu, ficou orgulhoso e surpreso pela firmeza. Eu gostei do que ouvi. A professora e minhas amigas da turma também me disseram que eu estava lá, presente. Que, realmente, a galinha era eu. É verdade, ela estava na minha pele. Feito tatuagem, indelével. Para me lembrar de que sermos nós mesmos é o maior ato de coragem e de força que podemos nos propor na vida. E que, uma vez se ouvindo, se lendo, se reconhecendo, dificilmente as palavras que compõem essa história se apagam da nossa narrativa.

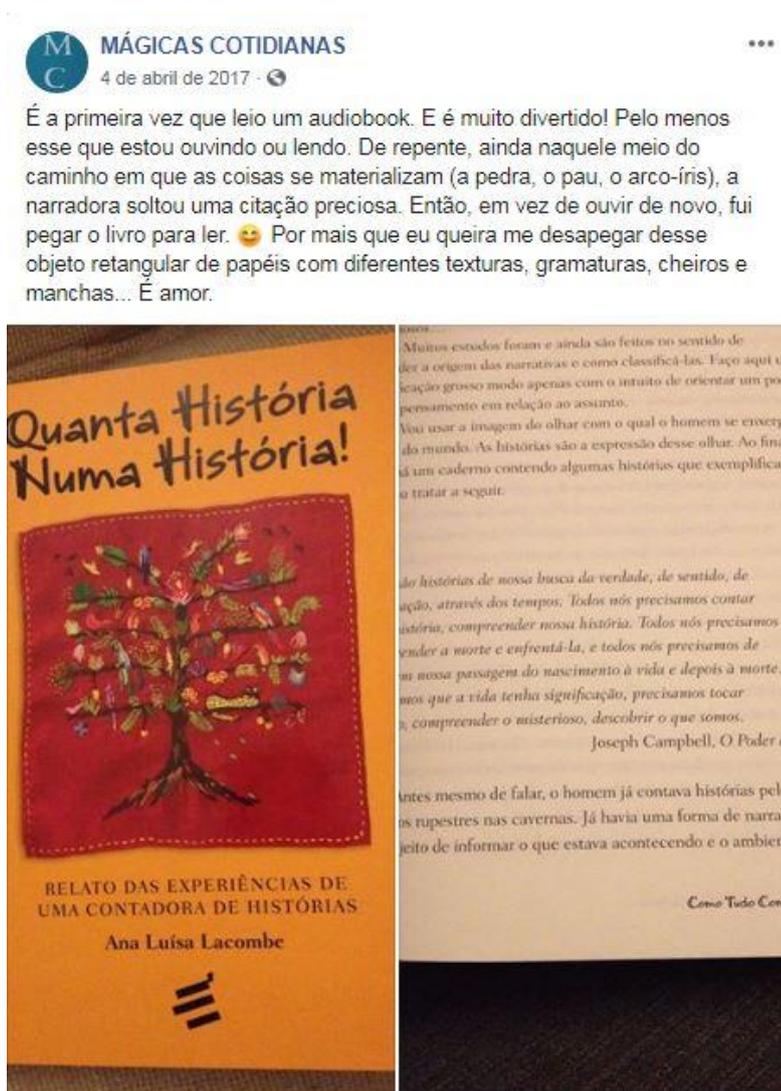
**D**

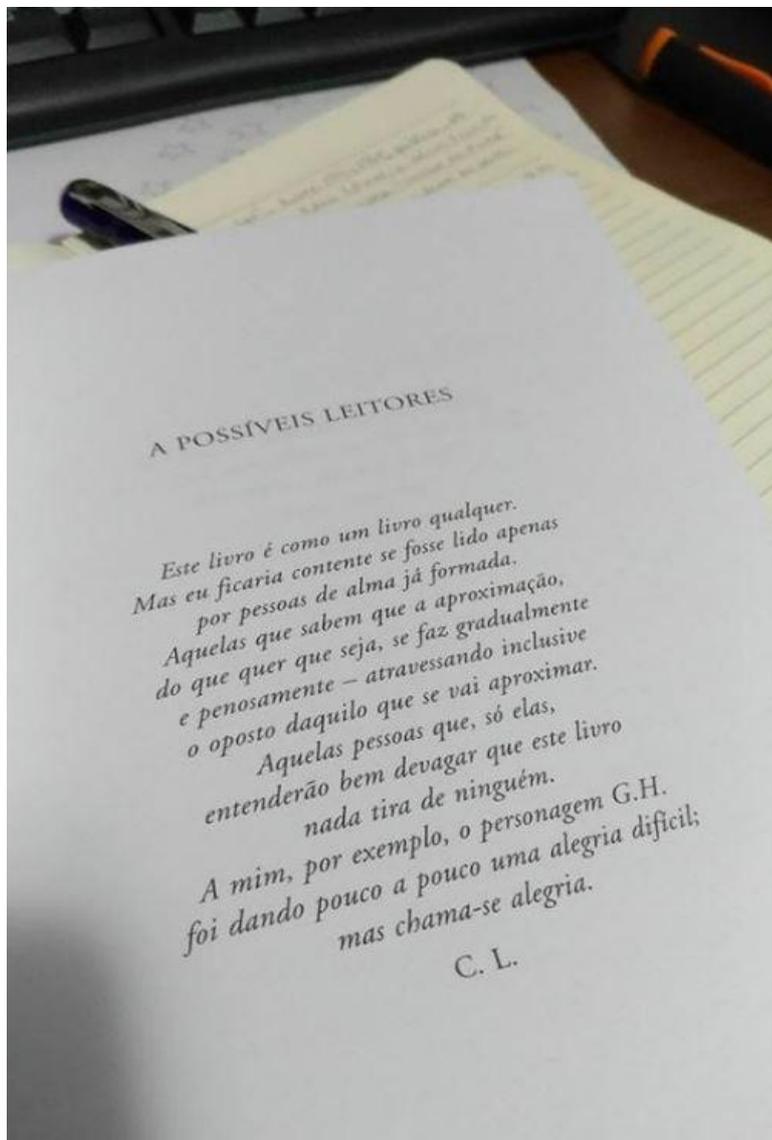
#### **[ÁLBUM-DIÁRIO – OUTRO LUGAR DE HISTÓRIAS**

---

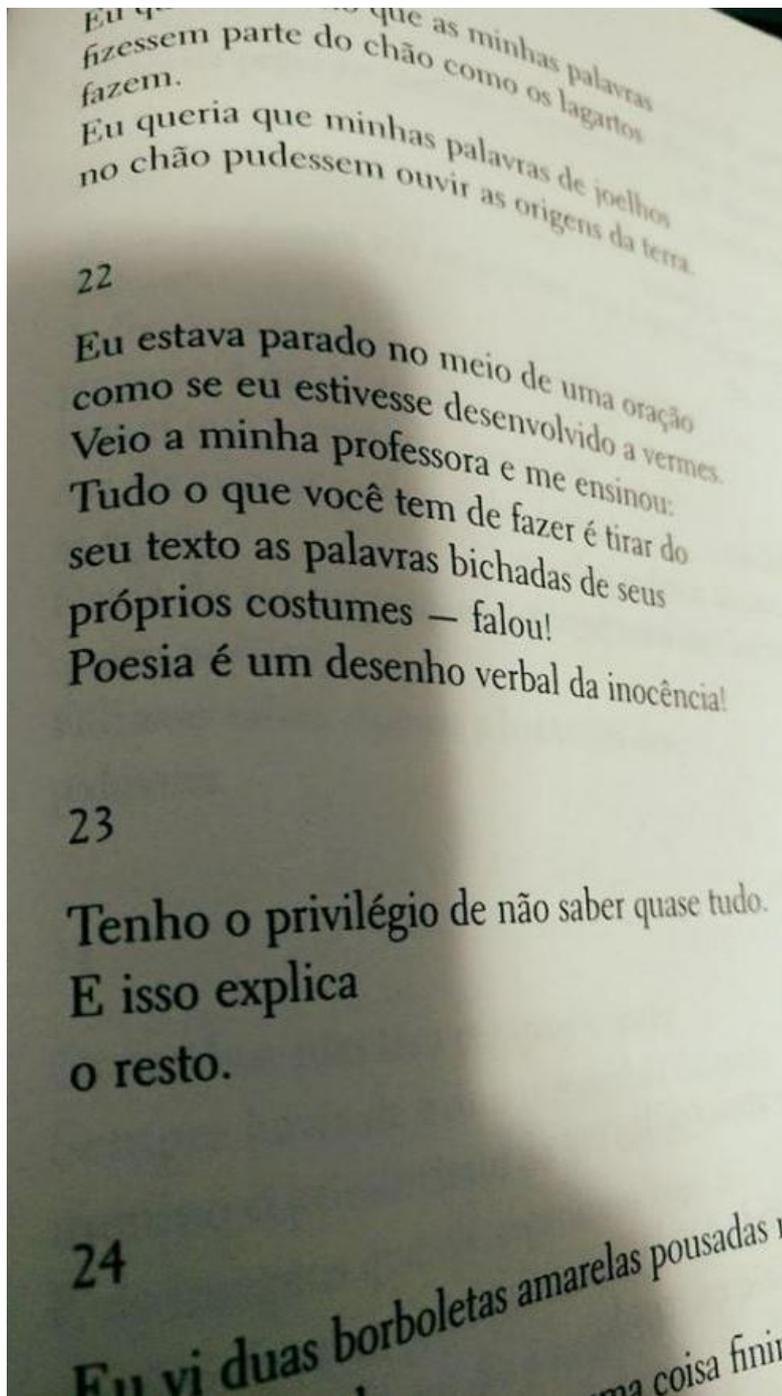
<sup>14</sup> BARTHES, ROLAND. Escrever a leitura. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 29.

Em março de 2017, resolvi voltar à prática da escrita diária e pública no **Mágicas cotidianas**, *blog* transposto para o Facebook, espaço de inutilidades. Voltei aos registros do mês de abril, quando comecei a mergulhar no processo de estudo da história que seria contada, e boa parte desse aprendizado estava registrada lá. Por ser um diário-diário, o álbum a seguir conta uma história mais à flor da pele e ainda mais íntima.

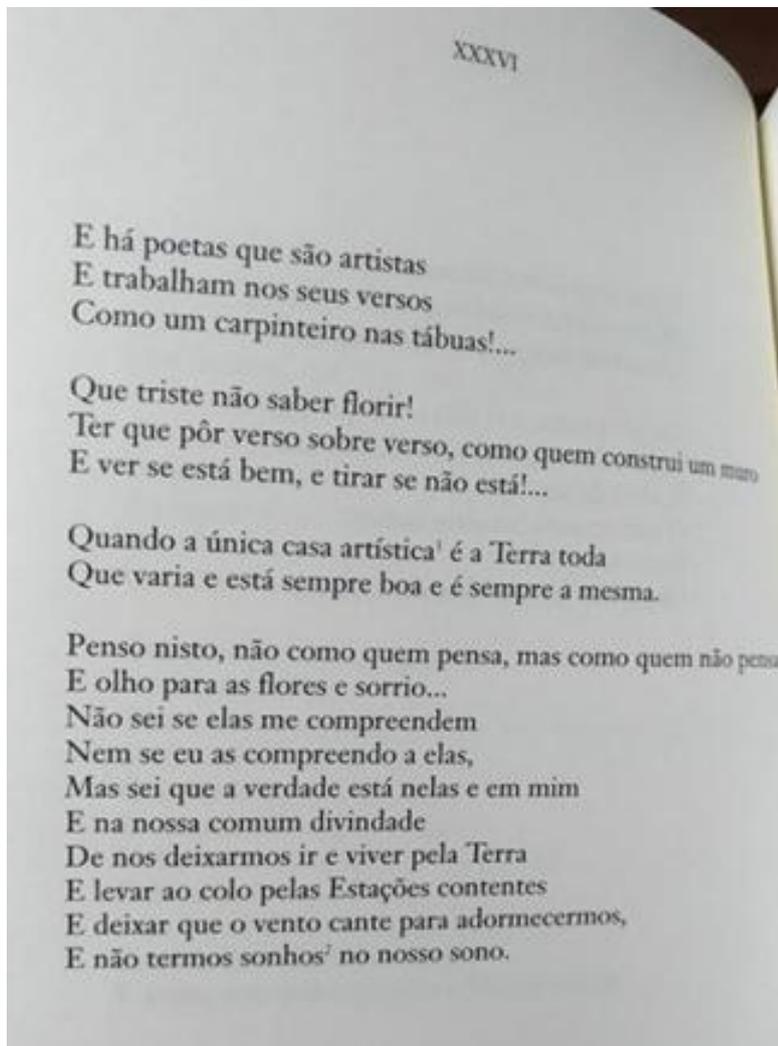




Lidar com fracassos, autossabotagem... De onde é tirada tanta energia para se maltratar? A gente sabe em que situações, por que, quando, sabe tintim por tintim e, mesmo assim, esse refrão tedioso, odioso, se repete. Enxergar os próprios demônios e aceitar bater um papo com eles enquanto tomamos um cafezinho para vê-los por perto, com afeto; eita treino brabo dessa vida! E esse 23, é do Manoel de Barros. E o 22 também. E resumem.



Estou consultando os oráculos esta semana: Clarice, Manoel de Barros e, hoje, Alberto Caeiro. E cada resposta que estou recebendo deles, ahn?





**MÁGICAS COTIDIANAS** atualizou o próprio status.



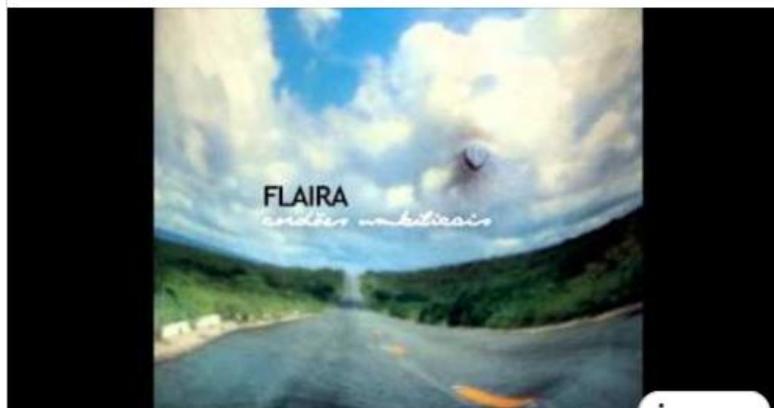
14 de abril de 2017 · 🌐

No programa da tevê, a mulher, que era dona de um restaurante, jogou um micro-ondas do terceiro andar de um prédio pra começar a cozinhar no fogão. Será que o desapego dos forminhos digitais acabou só de jogar um pela janela? É essa a mágica ou o querer fazer diferente, fazer de verdade? Bem, não adiantou jogar os forminhos, amassá-los, quebrar seus pratos giratórios em pedaços... Santa Maria de Guadalupe!  
O desapego de hábitos, atitudes, do eu, do jeitinho que eu sei fazer, é uma luta dentro, dolorosa, e a mágica, nesse caso, acontece com constância, prática, resiliência, paciência e um tantinho de fé. Sigamos.



15 de abril de 2017 · 🌐

Último dia de uma semana de muita reflexão. Encontrei um vídeo no YouTube de uma moça chamada Flaira Ferro e, no final, ela cantou esta música. Desnudar a alma não é mole, mas é necessário.  
<https://www.youtube.com/watch?v=OCdh6BYIPUK>



YOUTUBE.COM

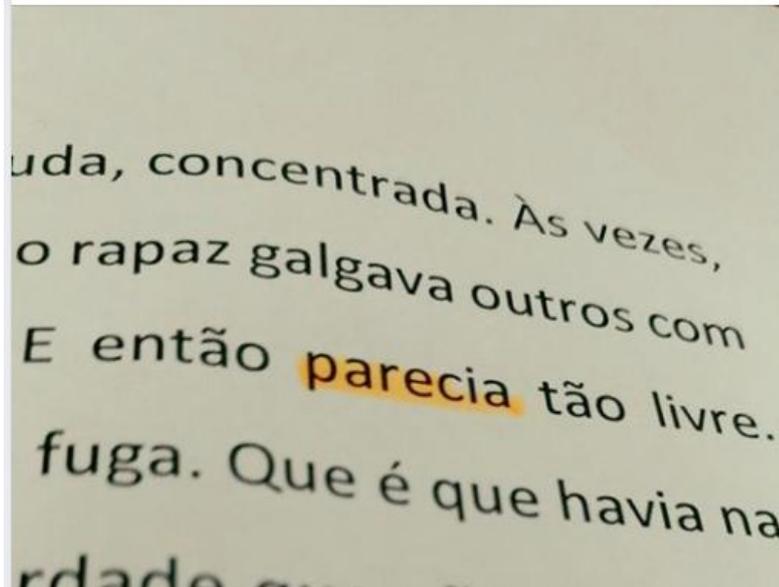
**Flaira Ferro - Me curar de mim**

Terceira faixa do álbum "Cordões Umbilicais". Link para download do álbu...



17 de abril de 2017 · 🌐

Estou convivendo com uma galinha de Clarice Lispector há três semanas. Nas duas últimas, me deixou doida de tanto remexer por dentro. Ave, galinha! Parecia provável me livrar dela amanhã, num despacho amigável, mas ela ficou em mim pra sempre... Como diria, num axé de amor, danada!

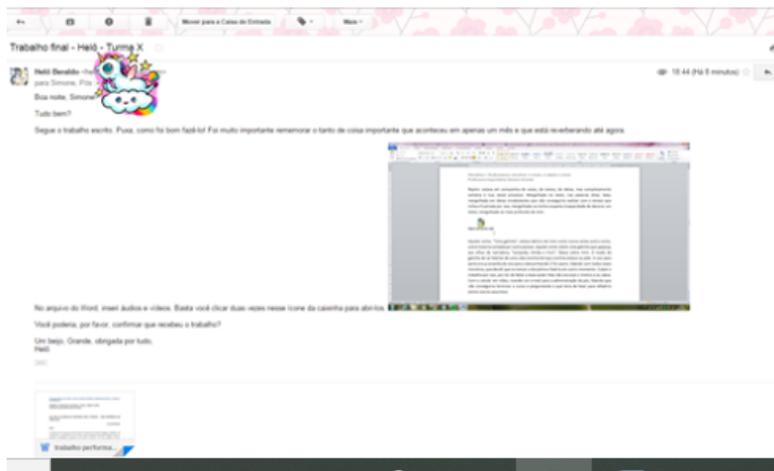


18 de abril de 2017 · 🌐

São tantas as grandes pessoas passando pela vida e todas com a consciência de suas pequenezas. Não contei a história que eu tinha preparado, não consegui. Essa uma galinha está em processo de ser. Um dia será. O acolhimento que recebi desta turma foi muito especial. Agradeço, também, pelas lindas histórias que contaram. Pedacinhos delas habitam em mim desde hoje.



Além de ficar em casa, o melhor do dia foi terminar a reflexão sobre o processo de tatuagem da galinha nessa minha pele, que está ficando com indícios de envelhecimento nem tão precoce. Melhor que envelhecimento, maturidade nem tão precoce. 😄



## IVD

— **acolhimento:** 1. Olhar para si de forma generosa; 2. Existir em uma rede de afetos; 3. Expor o mais íntimo de si e ser compreendida; 4. Tomar Coca-Cola enquanto come macarrão com um pacote inteirinho de salsicha e bancar o ato; 5. Aceitar as próprias limitações e se enxergar com novos olhos. —

X — X — X — X — X — X — X — **ARREIMATE** — X — X — X — X — X — X — X — X — X

[...] Experimentar palavras, experimentar frases é como experimentar correr a determinada velocidade, é como experimentar saltar: é uma experiência no mundo, é uma experiência física, orgânica: falar e escrever são actos físicos, actos atléticos [...].<sup>15</sup>

Desobedeço. Dezobedeço.

Das dezobediências que um curso académico possibilita, cumpro todas. Inclusive a da ortografia. Com a sugestão de que talvez eu tivesse algo a dizer, me prendi nas indicações dos passos, como se fosse uma dança rigorosa que eu teria de coreografar entre as ideias e as palavras. Fiz várias anotações, não reconheci minha letra.

Fui-me alimentar de textos, filosofias, videoaulas, caminhadas. Anotações de frases, de ideias, cadernos, celular, mão. Os textos, sublinhei com grafite azul trechos inspiradores para não me perder quando saísse deles e fosse para o meu lugar. Os escritos dos outros eram o meu lugar? Só na voz do outro eu me encontrava? Não era mais assim.

Carreguei pilhas de livros de um cômodo a outro. Carreguei os livros em bolsas, matéria pesada, pensamentos dos mais bonitos, complexos, inúteis, ultrapassados, eurocêntricos, com capas duras, flexíveis, encadernados em brochurinhas, espirais; compostos de papel couchê, do meu íntimo sulfite; escritos em letras médias, pequenas e grandes, em negrito, claro ou itálico.

Estamos no mundo para vermos e sermos vistos. Os livros eram meus adereços preferidos e, também, os mais pesados. Meu corpo começou a entortar. Era o peso das palavras dos outros que se embaralhava. Desde junho do ano passado não

---

<sup>15</sup> TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos, imagens. Lisboa: Caminho, 2013. p. 176.

conseguia escrever nada. Meu corpo foi sucumbindo pelo medo do que eu provavelmente descobriria com a escrita deste relato. O que eu mais tinha para expor? Foram anos de exposição do mais profundo de mim.

Encontrei algumas anotações no caderno

— X — Um vir a ser não conhece nenhum cansaço. Criar-se a si próprio eternamente. Mergulhar no palco de si mesmo. A fatalidade que existe em nós — X — X — X — X —

e lá estavam de volta:

X a desobediência quando a opressão vem de mim mesma;

X a experimentação, a redescoberta de um corpo e de uma voz que já são transformados, mas igualmente meus;

X o ponto de virada que é me saber não mais aquela galinha de Clarice, tola, tímida, ensopada, mas uma maritaca, aquela que vive na sua comunidade de ave, comunicando suas vontades, às vezes berrando, às vezes piando leve, e faz ninhos nos telhados de seres humanos, para compartilhar a existência;

X o acolhimento das pedras, das flores e dos encontros genuínos que compõem as jornadas; um encontro com o estranho que sou, só que diferente.

O medo de materializar memória na escrita ficou pequeno agora. As palavras, frases, tecituras, os enunciados se reconheceram corpo em mim quando nascidas imagens no fundo branco da página. Brota uma alegria de registrar, de fazer e de se reconhecer.

E a vida continua, sempre, a ser esse sobressalto de experiências.

— X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X — X —

## REFERÊNCIAS

### LIVROS

BARTHES, ROLAND. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LACOMBE, Ana Luísa. **Quanta história numa história!** São Paulo: É Realizações, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens**. Lisboa: Caminhos, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: CosacNaify, 2007.

### ARTIGOS

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Revista Educação & realidade*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417>>. Acesso em: 2 set. 2018.

ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano. **Núcleo de Subjetividade – PUC-SP**. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**, São Paulo: PUC/SP, v. 1, n. 2, set./fev. 1993, p. 241-251.

### INTERNET

ALEJANDRO JODOROWSKY. Respuesta a una pregunta esencial, *post* de 11 de junho de 2017 de sua página no Facebook, disponível em: <<https://bit.ly/34kgEjE>>. Acesso em: 30 de out. 2019.

ESCRITÓRIO DE HISTÓRIAS. Gyslaine Matos e a arte de contar histórias. Disponível em: <<https://bit.ly/36kz6KA>>. Acesso em: 25 out. 2019.

MÁGICAS COTIDIANAS. Disponível em: <<https://bit.ly/2N68k0Z>>. Acesso em: 25 out. 2019.